

23 | 7 | 44

O Mistério da Vida

UM avião salvou uma criança! E os jornais contavam, em longo pormenor, a imensa aflicção daquela Mãe suplicante implorando em soluços, numa derradeira esperança, um avião que pudesse galgar os espaços em busca do remédio salvador. O avião partiu como louco e chegou a tempo. Tanto bastou para que a simpatia de todos nós envolvesse num abraço comovido de infanda gratidão, o aviador que partiu o comando que rapidamente ordenara o vôo, o génio que concebeu e o suor que construiu aquela extraordinária máquina, transformada em instrumento de paz e de amor.

Essa criança, cuja morte nos teria deixado completamente indiferentes, por que mistério despertou no íntimo de nossas almas tamanho oceano de alegria e de esperança, que não pudemos contê-lo em nós mesmos, e fomos perguntar aos vizinhos e conhecidos se tinham lido também no jornal aquilo que achamos tão comovedor e tão lindo? Por que mistério nos sentimos quasi solidários dessa criança, presa à vida por um fio, atado afinal às asas de um avião, e nos sentimos tão contentes como se aquêle remédio houvesse prolongado a vida também a nós?

O mistério é a própria Vida. E a Vida é infinita na imensa luz das almas. Por isso nos arrebatava e nos prende tanto a Ela.

Tudo quanto nos pode interessar, e em nós tem valor universal, tudo quanto nos arrasta para a luta, para o esforço e para o sacrificio, que outra coisa pode ser, em última análise, senão a Vida? Se vivamos em sociedade, se pomos em comum o nosso trabalho de cada dia, se organizamos o ensino, a ciência, a produção, a arte, o labor e o repouso, é ainda a Vida a única realidade que em nós pretendemos a todo o custo salvar. Por isso também nos entusiasma e encanta tudo o que salva e dignifica a vida, como nos entristece e fere o que leva a conduzir à morte.

Estes sentimentos tão colectivos são no precisamento porque são essencialmente individuais, uma vez que existe em cada um de nós uma parcela da Vida infinita, e, com ela, a mesma sede de viver, de conhecer e de amar. O erro fundamental, o grande crime social é mesmo este e não outro: desconhecer que a Vida existe em cada homem e não na sociedade, e agir como se esta fôsse um fim e não apenas um meio para o aperfeiçoamento da pessoa, que em si traz a Vida!

A humanidade sofre mortalmente deste erro, porque resolve todos os problemas — pedagógicos, higiênicos, sociais ou políticos — no abstracto, ignorando sistematicamente a única verdade que os resolveria a todos: a Vida que importa salvar está na pessoa de cada homem.

Examinemos, por exemplo, o problema dos hospitais e sanatórios. Todos eles foram feitos para salvar a vida, e nem outra finalidade se poderia, para eles, conceber. Mas porque encaramos também este problema à luz do colectivo e do abstracto, quantas vezes a vida que salvaram também só abstractamente ficou salva — salva nas estatísticas?!

O Sanatório deu por curado determinado doente. E porque, de facto, estava clinicamente curado, nada mais tinha a fazer naquêlê estabelecimento de cura. Esta ficou anotada nos registos do Sanatório. Mas nem sempre se anotou nos registos da Vida. Regressado ao seu lar, constringido ao trabalho com que não podia arcar ainda, sujeito à promiscuidade, às privações, à miséria, ao ar corrompido, ~~na mesma salvação~~ às mesmas condições de existência, que proveito tirou dele do esforço e das despesas do Sanatório, mais do que pungente ilusão! Quando lhe abriram as portas da Vida para que a abraçasse alegremente, porque não pôde sozinho defendê-la encontrou de novo o torturante amplexo da morte, mais apertado, mais impiedoso, mais implacável do que nunca...

Se houvesse uma organização integrada no plano sanatorial, que tomasse conta dos clinicamente curados, lhes tor-

nesse o meio adequado de existência com readaptação ao trabalho e progressiva entrada no meio social donde saíram — colônias de repouso e de trabalho para os que de si pouco ou nada têm — então as curas ficariam asseguradas, e haveria no mundo mais corações agradecidos, e o problema ficaria resolvido à luz brilhante do sópro infinito do Espirito.

O que se passa com os Sanatórios, repete-se com os Hospitais. Logo que a medicina dá por curado um doente, o único interesse da gerência — e nisso cumpre o seu dever — é ter devoluta para outro a cama que aquêlê já não faz falta. Não importa saber se o curado já está completamente restabelecido, se pode imediatamente recommençar o trabalho, angariar o sustento, bastar-se a si próprio, quando é só, ou sustentar a família quando dela tem a responsabilidade. Ao Hospital interessa que saia para dar lugar a outro. Mas como o ex-doente nem sempre tem haveres, ou lança-se de seguida ao trabalho que fica na miséria. Num e noutro caso, a convalescência não se fez, a vida perigou de novo, a saúde ficou talvez para sempre arruinada. Anexa à organização hospitalar, integrada nêlê em função semelhante à das Misericórdias, uma outra organização deveria cuidar destes casos, acompanhá-los, ampará-los, para que não se repetisse mais o vulgar espectáculo dos miseráveis, emalhecidos e cambaleantes, a estender a mão à compaixão dos transeuntes, por não poderem trabalhar ainda, depois de sair do Hospital.

A vida é um dom magnífico que Deus confiou ao nosso amor e carinho, e quanto mais elevado é o nosso pósto, maior é a nossa responsabilidade perante ela. A Vida que tanto amamos, não está, com efeito, só em nós, mas em cada um dos nossos irmãos, com a mesma intensidade, as mesmas exigências e a mesma transcendente e esplendorosa dignidade. Por isso nos toca tão de perto tudo aquilo que é Vida, como se uns dedos misteriosos houvessem atado a cada um a vida de todos nós.

O avião que partiu e galgou espaços e trouxe a promessa da Vida fez vibrar em unisono com os seus motores o nosso coração. Assim conquista a multidão aquêlê que sobre ela faz passar uma promessa de Vida, não raciocinando sobre números, nem grupos, nem profissões, nem raças, nem povos, mas encarando os problemas da Vida como se a Vida estivesse toda em cada homem, em cada agonizante, em cada miserável.

ABEL VARZIM.

TE
já
os
dos
Col
des